



PERSPECTIVAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL

¹Thais Walkíria da Silva Quirino

² José Luis Rozendo Braz

³ Luiz Antonio Coêlho da Silva

RESUMO

A Economia Solidária (ES) vem como uma nova alternativa de organização de trabalho e tem em seus princípios a valorização dos trabalhadores, a inclusão social, o empoderamento feminino, a busca pela igualdade de gênero e outros valores pertinentes a sociedade. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar através de estudos teóricos a Economia Solidária no contexto brasileiro. Quanto ao tipo de pesquisa, o estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, onde foi desenvolvida a partir de livros, artigos, dissertações e teses da área. E de caráter exploratório, descritivo por meio da utilização de dados secundários. Com isso, no artigo buscou-se compreender a trajetória que percorreu a Economia Solidária no Brasil, bem como os empecilhos que sucederam em seu caminho, expondo conceitos e características da Economia Solidária, posteriormente, levantando uma breve discursão à cerca dos Empreendimentos da Economia Solidária (EES), e por fim, apresentando os desafios que as EES enfrentam. Portanto, considerando que a ES possui em sua essência a solidariedade e busca “concertar” as malícias trazidas pelo capitalismo durante os anos, durante a pesquisa, notou-se que apesar de várias organizações seguirem o modelo da ES, por vezes não usam o nome de EES. Talvez em razão de não terem conhecimento científico do modelo da ES.

Palavras-chaves: Economia Solidária no Brasil. Desafios. Empreendimentos.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, uma alternativa que está se tornando conhecida no espaço organizacional no Brasil é a vasta formação de empreendimentos sociais baseados na livre associação. Estes, no entendimento de Gaier (2011), são um fenômeno observado em muitos países há pelo menos uma década e são fundamentados nos princípios da autogestão, cooperação e solidariedade.

¹ Graduanda em Tecnólogo em Gestão Pública – UFCG/CDSA; Bolsista do Programa de Educação Tutorial PET Gestão Pública (tatih.wal@gmail.com).

² Graduando em Tecnólogo em Gestão Pública – UFCG/CDSA; Bolsista do Programa de Educação Tutorial PET Gestão Pública (jlbraz9@gmail.com).

³ Professor Adjunto III da UFCG/CDSA; Doutor pela UFRN; Tutor do Programa de Educação Tutorial PET Gestão Pública (luidd@yahoo.com.br).



Contudo, quanto a Economia Solidária (ES), é importante entendermos que estamos lidando com um caminho de desenvolvimento para a sociedade, diferente do modelo capitalista, a ES está relacionada com a mudança no modo de produzir, comercializar, consumir, bem como a geração de trabalho, redução das desigualdades e inclusão social, enfim, a construção de um novo ser social. Dessa forma, a economia solidária propõe uma nova forma de organização, sem basear-se na atuação do mercado ou do estado, questionando a relação entre a sociedade e a economia (FRANÇA FILHO, 2002).

A concentração de renda, o desemprego, a degradação do meio ambiente e a redução do valor nominal dos salários são alguns dos fatores que acarretam as desigualdades e a exclusão social. Para Singer e Souza (2003), esse cenário resultou na busca por novos modelos de produção, no Séc. XIX, sendo o pensamento cooperativista e o socialismo utópico os precursores da gestão diferenciada e democrática que resultaram na economia solidária.

Assim sendo, a economia solidária trata-se, de um campo rico para investigação, sob diversos ângulos de abordagem, uma vez que está no seio de numerosos debates políticos, sociais e econômicos contemporâneos. O campo das políticas públicas é essencial para a sociedade, no entanto, tendo em vista que a economia solidária no Brasil é recente, integrada no plano de governo a partir de 2007, e considerando sua importância. O presente estudo surge como curiosidade de investigar desde o surgimento até os desafios da Economia Solidária no Brasil.

Isso posto, estabelece-se como objetivo geral do estudo: Analisar através de estudos teóricos a Economia Solidária no contexto brasileiro. Ainda nesta perspectiva, como objetivos específicos o estudo delimita-se em: Expor conceitos e características da Economia Solidária; apresentar sobre os Empreendimentos de Economia Solidária no Brasil e Evidenciar os desafios enfrentados pela Economia Solidária no Brasil.

Logo, devido a atualidade e emergência do tema, a pesquisa busca possibilitar esclarecimentos e discussões que propiciem uma contribuição no campo das políticas públicas, especificamente na Economia Solidária. Para tanto, haja vista que as parcerias de pesquisas entre a academia e o governo, são essenciais para o desenvolvimento da sociedade, os resultados obtidos nesta pesquisa irão corroborar para futuros estudos acadêmicos que venham a surgir na área. Quanto ao tipo de pesquisa, o estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, onde foi desenvolvida a partir de livros, artigos, dissertações e teses da área. E de caráter exploratório, descritivo por meio da utilização de dados secundários

Todavia, compreender seu envolvimento no contexto brasileiro, é uma das alternativas para fortalecer essa área. Dessa forma, o presente artigo busca através de autores renomados da área, entender a trajetória e os desafios que circundam a Economia Solidária no Brasil.

CONSIDERAÇÕES À CERCA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

A economia solidária é um modelo de autogestão comunitária, isto é, são associações que aderem a um novo modelo de organização, prezando por uma estrutura onde a solidariedade é um dos mais importantes princípios. Os empreendimentos que agregam-se ao



modelo da economia solidária, irão participar ativamente dos processos decisórios, da organização do local de trabalho, ajudar nos outros empreendimentos que se encontram naquele ambiente, entre outras atividades.

A economia solidária surgiu, de acordo com Andion (2005), a partir da consolidação do corpo social com suas mudanças sociais, econômicas e políticas. Com essas alternâncias ao decorrer dos anos, o mercado de trabalho ficou instável e, como consequência, os índices de desempregos aumentaram, segundo dados do IBGE, a taxa média de desemprego no Brasil em 2003 foi mais de 12%, devido a esse infortúnio, abriu-se espaço para a economia solidária, que é um novo modelo de economia, um modelo, segundo Silva (2018), menos tóxico e competitivo que o capitalista.

A economia solidária se diferencia do sistema capitalista ao não ter uma heterogestão, ela adota um modelo de auto-organização. Significa que não se precisa necessariamente de um(a) chefe, os próprios associados se unem em função da organização e se revezam para o sucesso da cooperação. Caso os associados optem por uma gerência, a mesma auxiliará nas questões burocráticas e na organização dos cronogramas, o restante dos membros, podem e devem, caso sintam necessidade, questionar, opinar e ajudar o (a) chefe nesses pontos.

Em outras palavras, esses empreendimentos buscam uma forma de gerar renda para seus membros e, ao mesmo tempo, estarem desenvolvendo uma nova forma de empreender. Com parceiros, que estão lá para apoiar e te amparar, além do mais, te proporcionam mais tempo para outros projetos, quer dizer, por ser uma auto-organização, os membros não precisam ir todos os dias ao empreendimento, podem revezar com os parceiros e, nesses dias, dedicar-se a planejar, produzir, organizar, as futuras atividades. Com isso, acaba se tornando diferenciada e uma alternativa muito viável aos que estão se sentindo descartado do mercado de trabalho.

REFLEXÕES SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL

A partir da segunda metade da década de 1970, o desemprego teve altos índices e continuou crescendo de forma alarmante, precarizando os laços de trabalho entre empregador e empregado e os sujeitando a abdicarem de seus direitos sociais na tentativa de garantir sua sobrevivência, é a chamada flexibilização. Segundo Gonçalves (2011) Com a ruptura do ciclo de industrialização no Brasil, a partir do início da década de 1980, uma longa crise (que vinha ganhando força desde 1840) de desenvolvimento tomou conta do país.

No entanto, ainda que a crise do desenvolvimento capitalista estivesse avançando de forma rápida, ao mesmo tempo, novas alternativas de produção estavam sendo criadas, cujo objetivo era enfrentar a crise predominante. Tornando-se assim, a fase do surgimento da economia solidária. Seria então, a fase embrionária da economia solidária, que fez uso excessivo da mão-de-obra que decorria da crise, bem como das tendências em relação ao que já existia durante o ciclo da industrialização no Brasil.

Por consequência, em meados da década de 1980 e se consolidando a partir da década de 1990, chega ao Brasil um novo “conceito” de produção, chamado de Economia Solidária.



Que para Nascimento (2011), este novo “conceito” é caracterizado pelo “[...] conjunto de empreendimentos produtivos de iniciativa coletiva, com um certo grau de democracia interna e que remuneram o trabalho de forma privilegiada em relação ao capital, seja no campo ou na cidade” (NASCIMENTO, 2011, p. 02).

Gonçalves (2011) vem falar dessa estratégia de economia solidária, explanando que:

Essa estratégia é fundamentada no fato de que as contradições do capitalismo criam oportunidades de desenvolvimento de organizações econômicas nas quais sua lógica é oposta à do modo de produção capitalista. Com isto, esta nova realidade no mundo do trabalho proporcionada pela Economia Solidária, contribui de forma significativa, na medida em que tem se mostrado um importante instrumento de combate à pobreza e gerador de inclusão social, onde milhares de trabalhadores se organizam de forma coletiva e gerem seu próprio trabalho lutando assim pela sua emancipação e capacidade de sobrevivência. (GONÇALVES, 2011, p. 113)

Portanto, fica perceptível que a Economia Solidária tem como ideia principal gerar uma “outra forma de economia” e relacionar as pessoas de uma forma diferente, tanto entre elas, como com o mundo, buscando realçar valores que visem o bem-estar dos envolvidos, que, de acordo com Singer (1999, p. 10) é a mais importante alternativa ao capitalismo.

Em 2003, a Secretaria Nacional de Economia Solidária foi criada, no Ministério do Trabalho e Emprego pelo Congresso Nacional, com a missão de: “difundir e fomentar a economia solidária em todo o Brasil, dando apoio político e material às iniciativas do Fórum Brasileiro de Economia Solidária” (SINGER, 2006, p. 04). Assim, a SENAC veio para unir forças a ES, ela que estava entrando numa fase de crescente reconhecimento público e iniciante a institucionalização.

Por isto, vale ressaltar que nessa fase inicial da economia solidária, para que haja uma valorização nas oportunidades de desenvolvimento é preciso que uma ampla ação, em termos de políticas públicas, seja elaborada, e de fato, colocada em prática, haja vista que muitas são implementadas, porém não trazem transformação na realidade social.

EMPREENDEMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Para Guerra (2014) são inúmeros os valores que sustentam a economia solidária, dentre os quais pode-se destacar a cidadania, cooperação, trabalho emancipado, consumo consciente, igualdade, autogestão e etc. Nesta perspectiva, os empreendimentos solidários, visam atender demandas reais de uma população, ou seja, não atuam na lógica do lucro (FRANÇA FILHO, 2002).

Por razão disso, na economia solidária os meios de produção são propriedades coletivas daqueles que trabalham com esses meios. Assim, Singer (2014) relata que esses empreendimentos podem ser divididos em duas espécies:

Os empreendimentos de economia solidária podem ser de duas espécies:



1) associações de produtores individuais ou familiares, cujos membros trabalham em seus lotes de terra ou em oficinas, mas que realizam em comum diversas operações, tais como compras de matérias primas, vendas de suas produções, arrendamento de máquinas ou de outros equipamentos de alto custo e de uso esporádico, promoção de pesquisas de mercado, de campanhas publicitárias etc.; e 2) fábricas ou outras estruturas de produção cujos equipamentos são usados simultaneamente, tais como navios, hospitais, laboratórios, redes de distribuição de energia elétrica, hotéis etc. (SINGER, 2014, p. 426)

De acordo com o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), os Empreendimentos de Economia Solidária têm as seguintes características: (I) são organizações coletivas com participantes do meio urbano ou rural e exercem a gestão das atividades de maneira coletiva; (II) são organizações permanentes (incluem os empreendimentos que estão em operação e em processo de implantação); (III) podem ser ou não formalizados; e (IV) realizam atividades econômicas que podem ser produção de bens, prestação de serviços, comercialização e consumo solidário (FBES, 2011).

Razeto, citado por Souza et al (2014) alega que quatro elementos influenciam na formação de Empreendimentos de Economia Solidária. Primeiro, tem-se a necessidade econômica como consequência do sistema capitalista. O segundo componente é o esforço para preservar e criar organizações em meio a uma situação de desintegração, desmobilização e desorientação. O terceiro componente é o movimento de solidariedade e atividades de apoio material e profissional. O quarto elemento são as pesquisas desenvolvidas por pesquisadores preocupados com a crise econômica que afeta política e culturalmente a população, e que procuram caminhos alternativos que surgem a partir de bases populares.

Para tanto, partindo para dados estatísticos sobre esses empreendimentos, o Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (Sies), finalizou, em 2013, o segundo mapeamento dos empreendimentos de ES no Brasil. Os dados da pesquisa identificaram 19.708 da ESS, dispostos e ordenados em 2.713 municípios de todos os estados brasileiros. O primeiro mapeamento foi finalizado em 2005 e ampliado em 2007. Segundo os dados da pesquisa, o segundo mapeamento mostrou um aumento de 11.869 (60,2%) do total de EES.

Pela pesquisa, percebe-se que a maior parte das ESS estão situadas na região Nordeste e a menor proporção, no Centro-Oeste. Esses dados mostram o quanto os ESS cresceram no Brasil e o potencial que dispõem para evoluir e intensificarem-se, buscando fortalecimento constante para continuar empreendendo de forma saudável, empenhando-se em produzir mudanças significativas no mundo.

DESAFIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL

Como já visto, as desigualdades e exclusão social são frutos de diversos fatores existentes na sociedade dentre eles, o desemprego, a degradação do meio ambiente, bem como a redução do valor nominal dos salários. Assim, Singer e Souza (2003) relatam que esse cenário de desigualdade e exclusão social acarretou a busca por novos padrões de produção, no Séc. XIX, sendo o pensamento cooperativista e o socialismo utópico os precursores da gestão diferenciada e democrática que resultaram na economia solidária.



No entanto, levando em consideração que a Economia Solidária ainda está em construção e fortalecimento, o movimento da ES enfrenta diversas dificuldades ou desafios que ainda necessitam ser superados.

Ressaltando que devido a característica de inclusão que a ES possui e por seu público, na maioria das vezes, ser a população desacolhida do mercado de trabalho formal, as principais críticas referente ao movimento da ES se espalham ao seu rebaixamento a uma simples falha do sistema capitalista, escondendo suas contradições e atritos fundamentais, como uma forma de “ocupar os desocupados, com uma terapia ocupacional para aqueles que não são excluídos do mercado formal” (SHÜTZ, 2008, p. 49). Conforme esta corrente de pensamento, corre-se o risco da ES se transformar em mera estratégica capitalista para “rebaixar as próprias condições de trabalho e salários, transformando os trabalhadores em exploradores de si mesmos”. (MARTINS, 2008, p. 11).

Segundo Silva (2010), os principais desafios da ES está em superar uma cultura individual, que destrói qualquer acordo solidário; a falta de acesso à crédito, que impossibilita investimentos e o crescimento da rede; baixos investimentos em meios de produção e tecnologia, que afeta de tal forma na sustentabilidade; além de políticas públicas adequadas ao movimento, e que sejam efetivas desde a sua formulação até a implementação. Ainda segundo o autor, quanto a superação da cultura capitalista, a maior dificuldade se relaciona a educação formal e técnica, mas principalmente a educação solidária e cooperativa.

Por conseguinte, Martins (2008), vem dizer que o trabalho regado na solidariedade, na cooperação e na autogestão enfrenta diariamente as consequências de uma cultura com princípios inversos: o individualismo e a centralização do poder. O mesmo relata que os EES necessitam encarar o desafio de oferecer produção consumo e circulação mais eficientes que os concedidos pela economia capitalista. De natureza igual, é preciso batalhar por investimentos e crédito para o setor tecnológico e produtivo, bem como busca de auxílio em políticas públicas eficazes que possam auxiliar o movimento de forma agradável, que busque a ampliação da ES.

Para tanto, Silva (2010), expõe que são necessários investimentos em meios de produção e tecnologia que permitam a atuação da ES no setor industrial de bens de consumo duráveis e não duráveis. Tendo em vista que na atualidade a grande maioria do ES se agrupam no setor agrícola, comercial e de serviços, causando uma lacuna na formação desta rede.

Desta maneira, programas de créditos acessíveis possibilitaria o subsídio das inovações e os investimentos produtivos e tecnológicos úteis. A vista disto, políticas públicas apropriadas às características e condições do movimento solidário, que vá além de apoiar o desenvolvimento, concedendo condições legais para a atuação da dinâmica econômica. Além da constante explanação do “conceito”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, após a explanação sobre o contexto histórico, características e principais desafios da economia solidária no Brasil, ficou perceptível o seu grande potencial e o quanto cresceu e vem crescendo no decorrer dos anos.

Junto a isso, notou-se que apesar de várias organizações seguirem o modelo da ES, por vezes não usam o nome de EES. Talvez em razão de não ter conhecimento científico do modelo da ES. Isso ajuda a compreender o processo de legitimação da economia solidária ao redor do globo e o quanto ainda precisa conquistar. E, essa questão pode acarretar dois fatos, pelo lado positivo, por mais que alguns empreendimentos não adotem o nome de Empreendimento de Economia Solidária, compreendem os seus objetivos e tentam reproduzi-los da melhor forma possível. Já pelo lado negativo, esse fato mostra que modelo de ES é pouco exteriorizado e se faz necessário maior explanação do tema.

Por fim, a ES possui em sua essência a solidariedade e busca “concertar” as malícias trazidas pelo capitalismo durante os anos. Ela agrega redistribuição ao reconhecimento do trabalhador, isto é, o empreendedor. Por meio da redistribuição de renda, na qual são chamados para idealizar um novo projeto de sociedade, aqueles que até o momento estiveram à margem do sistema, e que ainda não tiveram a oportunidade de ser protagonistas de sua própria história.

Com a ES, essas pessoas passam a serem vistos como mais que “só mais um” que vai para o trabalho todos os dias, elas passam a serem “uma das” pessoas que estão envolvidas em algo maior que elas imaginam e, que de forma direta ou indireta, contribuem para buscar um mundo melhor, com igualdade entre os gêneros, menos poluição e mais sustentabilidade.



REFERÊNCIAS

ANDION, CAROLINA. **A gestão no campo da economia solidária**: particularidades e desafios. Rev. adm. contemp. vol.9 no.1 Curitiba Jan./Mar. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v9n1/v9n1a05.pdf>>, Acesso em: 15 de Junho de 2019;

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Diretrizes para a elaboração do mapeamento nacional de economia solidária**. Brasília, DF, 2005;

FALCÃO, T. COSTA, P. V. **O Brasil sem Miséria**. Brasília, 2014. p. 425-445. Disponível: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/brasil_sem_miseria/livro_o_brasil_sem_miseria/artigo_15.pdf>, Acesso em: 28 de Maio de 2019;

FRANÇA FILHO, G. **A perspectiva da economia solidária**. In: FISCHER, T. (Org.). Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliação. Salvador: Casa da Qualidade, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v16n1-2/v16n1-2a11.pdf>> Acesso em: 31 de Maio de 2019;

GAIGER, L. I. **A dimensão empreendedora da economia solidária**: notas para um debate necessário. Outra economia, v. 2, n. 3, p. 58-72, 2011. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/otraeconomia/article/download/1145/310>>, Acesso em: 16 de Junho de 2019;

GONÇALVES, T. J. SOBRINHO T. A. P. M. **Economia Solidária**: Um Caminho para a Geração de Renda e Inclusão Social. Maringá, v. 3, n. 2, p. 100-124, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/18502>>, Acesso em 15 de Junho de 2019;

GUERRA, A. C. **Os valores da economia solidária e os valores do trabalho: um estudo em empreendimentos econômicos solidários**. Belo Horizonte, 2014. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9VEHY5/tese_ana_carolina_guerra.pdf?sequence=1> Acesso em: 7 de Junho de 2019;

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/>;

MARTINS, Antonio. Apresentação de oportunidades e desafios. IN: **Desafios da Economia Solidária**. 1ªed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/2801/3/FPF_PTPF_12_045.p> Acesso em: 08 de Junho de 2019;

NASCIMENTO, C. **Autogestão e o Novo Cooperativismo**. Disponível em: <http://base.socioeco.org/docs/prog_autogestaocooperativismo.pdf>. Acesso em: 15 de junho 2019;

SHÜTZ, Rosalvo. Economia Popular Solidária: novos horizontes para a educação popular? IN: **Desafios da Economia Solidária**. 1ªed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. (Lê Monde Diplomatique Brasil; 4). Disponível em:



<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/2801/3/FPF_PTPF_12_045.p>
Acesso em: 07 de Junho de 2019;

SIES. **Atlas da economia solidária**. Brasília, DF, 2005;

SILVA, A. S. **Central de Comercialização da Agricultura Familiar e da Economia Solidária do Cariri Ocidental da Paraíba (ECOSOL - SUMÉ)** - Uma avaliação da política pública. Trabalho de conclusão do curso de Tecnologia em Gestão pública pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal de Campina Grande, 2018;

SINGER, P. SILVA, R. M. A. SCHIOCHET, V. **Economia Solidária e os Desafios da Superação da Pobreza Extrema no Plano Brasil Sem Miséria**. In: CAMPELLO, T;

SINGER, P.; SOUZA A. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo, Contexto, 2003. Disponível em: <http://www.socioeco.org/bdf_fiche-publication-449_pt.html> Acesso em: 31 de Maio de 2019;

SOUZA, A.A. **Os Desafios Enfrentados Pelos Empreendimentos Solidários: Um Estudo Na Região Metropolitana De Belo Horizonte – Mg**. VIII Encontro de Estudos em Empreendimentos e Gestão de Pequenas Empresas (EGEPE). Goiânia, 2014. Disponível em: <<http://www.egepe.org.br/anais/tema02/315.pdf>>, Acesso em: 23 de Maio de 2019;

SINGER, P. **Incubadoras universitárias de cooperativas: um relato a partir da experiência da USP**. In: SINGER, P.; SOUZA, A. (Org.). **A economia solidária no Brasil: autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 123-133. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/286682/1/Fraga_LaisSilveira_D.pdf>, Acesso em: 14 de Junho de 2019;

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3588256/mod_resource/content/1/SINGER%20-%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20-%20Economia%20Solid%C3%A1ria%20-%20Livro%20completo.pdf> Acesso em: 27 de Maio de 2019.



ANEXO A

TERMO DE COMPROMISSO DE APRESENTAÇÃO 13º Congresso de Gestão Pública do Rio Grande do Norte

“Comprometo-me, caso meu Trabalho seja aprovado pelo Comitê Científico, a comparecer ou nomear um representante para sua apresentação, no dia e hora previamente comunicados.

Autorizo a publicação do material utilizado em minha apresentação no site do evento, assim como o uso de sons e imagens. Autorizo também o recebimento de mensagens SMS através de meu celular com informações relativas ao meu trabalho científico e minha participação no congresso. ”

Thaís Walkiria da Silva Quirino

Thaís Walkiria da Silva Quirino

José Luis Rozendo Braz

José Luis Rozendo Braz

Luiz Antonio Coelho da Silva

Prof. Dr. Luiz Antonio Coelho da Silva

